

MUNDO

VIAJAR

mundoviajar.com.br

revistaviajarpelomundo

revistaviajar

R\$ 34,90

2025

Ano 14 - nº 152

00152
ISSN 1984-7777
9 777984
777004



COREIA DO SUL

Dos doramas à música, dos templos à metrópole, dos cosméticos à comida: um mergulho no país que conquistou a cultura pop mundial

ISLÂNDIA CACHOEIRAS, GELEIRAS E VULCÕES NUM ROTEIRO INSÓLITO | COLÔMBIA DOSE TRIPLA À BEIRA-MAR EM CARTAGENA, SAN ANDRÉS E PROVIDENCIA | CRUZEIROS MAGIA NO NOVO DISNEY TREASURE E LUXO NO EXPLORA I | BENIM O PAÍS AFRICANO QUE PULSA NA VEIA DOS BRASILEIROS

BENIM

Nas raízes do Brasil



CONSTRUÍDA EM MEIO A UM LAGO, GANVIÉ É UMA DAS CIDADES QUE MAIS ATRAEM TURISTAS AO BENIM

Foto: Pexels/Kenza Loussouan

O pequeno território situado na costa oeste da África, que já fez parte de um grande império, é gigante em história. O Benim se entrelaça com o Brasil graças às pessoas escravizadas que agregaram seus hábitos sociais e tradições religiosas à nossa cultura. Visitar o país hoje é mergulhar não só nas nossas raízes, mas também numa África sem clichês

Por Ricardo Hida

Eu havia jurado que não mais viajaria até 2030. Depois de três décadas viajando muito como profissional de turismo, confesso que os trâmites de aeroporto, filas, vigilância constante com furtos nos destinos mais turísticos e toda a logística que envolve uma viagem começaram a ser estressantes para mim. Agora, portanto, eu queria sossegar. Era julho e eu, na minha casa, já me conformava com viagens simples, no máximo até o litoral paulista. Porém, a reviravolta: novamente, a Netflix veio despertar o Indiana Jones dentro de mim. E a musa inspiradora da jornada desta vez era Viola Davis. A atriz ganhadora do Oscar é protagonista do filme *Mulher Rei* e interpreta uma militar que comanda um exército feminino, em pleno século 19, no Reino de Daomé, com direito a paisagens impressionantes e muitos diálogos em português.

Eu tinha uma vaga noção sobre esse império africano. Ouvira falar dele pela primeira vez em Salvador, há alguns anos, por conta da Casa do Benim, um ponto turístico no Pelourinho. O Reino de Daomé foi, no passado, juntamente com a Etiópia, uma das maiores potências africanas. Era constituído pelo que hoje conhecemos como Nigéria, Níger, Togo e Burkina Fasso, além do próprio Benim, onde se situa a antiga capital real.

Fiz uma busca na internet e pouco se fala desse destino. Consultei minha extensa rede profissional e ninguém nunca lá estivera. Resolvi ser pioneiro e desvendar um país com fortes ligações com o Brasil, mas desconhecido do grande público. É erro comum

tratar a África de forma uniforme. Países do norte do continente são muito diferentes da África do Sul, por exemplo. O Benim, por sua vez, é parte de uma África profunda e histórica, com pouca influência europeia.

Trata-se de uma nação na costa oeste africana, de onde partiram mais de 20 milhões de pessoas escravizadas entre os séculos 16 e 19. Graças ao seu atual presidente, o país vive um momento de forte crescimento econômico e de presença na diplomacia internacional. Suas lideranças locais estiveram recentemente no Brasil para intensificar relações culturais e comerciais. O governo de lá pretende oferecer cidadania beninense a todos os afrodescendentes brasileiros que comprovem algum vínculo com o país. E o que não falta é ligação. A semana que lá passei me fez perceber que, mesmo para mim, que sou filho de um imigrante japonês com uma portuguesa, é preciso um mergulho no Benim para entender parte do Brasil.

COTONOU

O Benim possui duas capitais: Cotonou, a maior cidade do país e situada à beira do mar, é a sede do governo e abriga o aeroporto internacional. Ela pode ser a base para conhecer o país, que, com 12 milhões de pessoas, é muito pequeno. Em poucas horas se chega a qualquer uma das fronteiras. Por isso, a partir de Cotonou, fica fácil visitar cada uma das outras cidades.

Durante minha estada em Cotonou, fiquei em dois hotéis. O primeiro é o Maison Rouge, a poucos metros da Embaixada

PREPARE SUA VIAGEM

MOEDA A moeda local é o franco do Benim. Não se consegue fazer o câmbio facilmente fora do país, apenas no aeroporto de Cotonou. No Benim, quase não se aceitam cartões, exceto nos hotéis, onde você pode também trocar dinheiro. Há vários caixas automáticos nas cidades, mas não consegui tirar dinheiro em nenhum deles.

FUSO +4h em relação a Brasília

DOCUMENTO Brasileiros precisam de visto, que pode ser solicitado on-line. Veja mais em evisa.bj.

COMO CHEGAR A Ethiopian Airlines tem voos diários de São Paulo até Adis Abeba, de onde é possível voar até Cotonou. É uma boa ideia, aliás, fazer um bem-bolado e aproveitar para conhecer mais algum destino africano, como a própria Etiópia – reserve uma semana para o Benim e mais sete dias para outro país, por exemplo, aproveitando a facilidade da extensa malha aérea da Ethiopian, que cobre inclusive o Oriente Médio.

COMO SE LOCOMOVER Alugar carro não é uma boa ideia. O trânsito é caótico, há milhares de motocicletas e a sinalização não é das melhores. Além disso, tem ocorrido muito investimento estrangeiro na construção de resorts e estradas no Benim, portanto há obras por toda parte. O melhor é contratar serviço de guia com motorista, como os da empresa Addotour229 (addotour229.com).

CLIMA O clima é o mesmo do nordeste brasileiro. A temperatura média é de 28 °C, com chuvas no final do ano. Portanto, aposte em roupas leves.

SEGURANÇA O Benim é um país jovem, pulsante, desejoso de se desenvolver. As taxas de criminalidade são baixíssimas. Pude fazer vários vídeos e fotos com meu iPhone nas ruas sem nenhum problema. Tampouco sofrí

qualquer tipo de agressão ou furto. Optei por ter um guia, Romain, me acompanhando todo o tempo, o que me ajudou a conhecer bastante o dia a dia do país e resolver pequenos contratemplos.

SABORES DO BENIM Aprendemos na escola que nossa culinária é devedora dos povos africanos. Fala-se muito, é claro, da feijoada, do vatapá, do acarajé, presentes na Bahia. Mas a influência vai muito além. A mistura do arroz com feijão, impensável na Europa ou na Ásia, é algo que se vê com frequência no Benim. Assim como o uso do inhame, da banana frita e das farofas. A culinária do país se baseia nos peixes e crustáceos, nos ensopados (daí a relação com a feijoada), nos legumes e nas pimentas. Uma vez no país, deve-se provar o agoun (purê de inhame com molho de amendoim, servido com carne de caça ou queijo), o piron (equivalente ao pirão, que é uma pasta de mandioca acompanhada de molho de porco), o abobo (ensopado de feijão-de-corda) e o atassi (mistura de arroz e feijão, lembrando o baião de dois e acompanhado de peixe ou frango). Uma curiosidade: lá come-se o nosso pé de moleque, que eles reconhecem como influência brasileira, sob o nome de congada.

A ESCULTURA "AMAZONA", EM COTONOU, CELEBRA AS GUERREIRAS AFRICANAS



Foto: Bénin Tourisme



O PARQUE JARDIN MATHIEU É UM DOS ESPAÇOS PÚBLICOS MAIS VERDES DE COTONOU

Brasileira. Trata-se de um hotel-butique, quatro estrelas superior, com um diferencial: todas as manhãs, havia um magnífico pavão que passeava entre as mesas do café. A gastronomia servida ali é francesa, com a presença de muitos produtos naturais do Benim. O abacaxi beninês, aliás, é referência internacional, o melhor que já provei. E olha que sou um expert em abacaxi!

Já o Sofitel Marina é um luxuoso empreendimento recém-inaugurado e talvez o hotel mais imponente da rede Accor hoje na África. Tem a maior coleção de arte contemporânea do país, cassino, boate sofisticadíssima e cinema. Ele oferece quatro restaurantes, um deles assinado pela chef beninesa Georgiana Viou, estrelada no *Guia Michelin* pelo seu restaurante Rouge, na França. Toda a gastronomia do Sofitel é impecável, assim como os tratamentos de spa. O diretor de operações, aliás, é o marroquino Mohamed, que morou muito tempo no Rio de Janeiro e trabalhou no Fairmont Copacabana.

Os dois hotéis estão na avenida mais importante da cidade, junto ao mar. A poucos metros das propriedades se encontram as embaixadas da China, da

França, dos EUA e o palácio presidencial. Portanto, o projeto urbanístico ao redor é muito bonito, e a segurança, excepcional. Na mesma área, pode-se visitar a estátua Amazona, de 30 metros de altura, em homenagem à mulher africana, guerreira, que serve de referência para o filme estrelado por Viola Davis. Mais à frente, nesta reportagem, contarei sobre a mulher "rei" que de fato existiu e que comandou um exército de mulheres muito temido, inclusive pelos europeus.

No mesmo bairro, podemos visitar um dos maiores grafites do planeta: o mural feito pelo brasileiro Kobra, que mostra o passado, o presente e o futuro do Benim, além de reforçar a posição do país como um local de convívio pacífico e respeitoso entre todas as religiões.

Além disso, Cotonou dispõe do maior mercado aberto do oeste africano. Imagine um grande camelódromo que se levam dois dias para visitar. Obviamente tem de tudo, mas vale muito a pena comprar tecidos africanos para decoração ou mesmo vestuário – o Benim é um dos grandes produtores de algodão do planeta –, além de bijuterias, artigos para casa e peças de couro.

GANVIÉ

A 35 quilômetros de Cotonou, Ganvié é uma cidade flutuante de 30 mil habitantes no meio do Nokoué, um lago considerado sagrado para os benineses. A vila foi fundada no século 17 pelos membros da tribo Tofinu, enquanto fugiam do comércio escravagista. A parte central do lago era de difícil acesso, então algumas famílias, aproveitando-se da grande habilidade pesqueira inerente à tribo, decidiram se refugiar por lá, criando uma aldeia que se tornou, em 1996, patrimônio cultural da Unesco. Hoje é responsável por atrair em torno de 15 mil turistas anualmente.

Ao todo são 3 mil construções coloridas sobre palafitas. Toda a locomoção se dá por barcos. As famílias têm, geralmente, três embarcações: uma para as crianças irem para a escola, outra para as mães pescarem e venderem suas mercadorias em Cotonou e outra para os pais, que podem também exercer trabalhos de piscicultura ou ainda serviços administrativos. O povo local é referência na produção de artesanato africano.

As águas são limpas e é possível observar várias espécies de peixes no passeio que os turistas fazem. Há um sistema, chamado Acadja, que permite aquacultura sustentável e a presença de uma flora específica também garante um sistema natural de purificação das águas e tratamento de dejetos naturais. Quando pequenas embarcações de visitantes chegam, os moradores se apresentam em danças de boas-vindas, dentro da água.

A DANÇA GELEDÉ, MUITO PRESENTE EM KETU, É CONSIDERADA PATRIMÔNIO IMATERIAL PELA UNESCO

GANVIÉ ABRIGA 30 MIL PESSOAS EM CASAS ERGUIDAS SOBRE PALAFITAS NO MEIO DO LAGO NOKOUÉ



Foto: Shutterstock



Foto: Shutterstock

KETU

Quem foi criança, adolescente ou mesmo um jovem adulto nos anos 1980 e 1990 certamente se lembra do grupo de axé Ara Ketu. O nome da banda baiana, vindo da língua iorubá, significa “povo de Ketu”. O termo Ketu também dá nome a um dos segmentos do candomblé, religião afro-brasileira nascida na Bahia a partir de tradições africanas.

A cidade beninesa de Ketu, por sua vez, é uma das mais importantes quando se fala da formação do Brasil, já que uma parte expressiva dos africanos escravizados veio de lá – por volta de 1500, Ketu era a capital dos iorubás, grupo étnico da África Central que hoje engloba 30 milhões de pessoas não só no Benim, mas também na Nigéria, no Togo e em Gana.

Situada a três horas de carro de Cotonou, Ketu pode ser conhecida em um bate-volta a partir da capital. Os principais atrativos são seus dois palácios reais. E aqui cabe uma explicação: o Benim é uma república democrática

desde 1990 (antes disso, entre 1854 e 1960, foi uma colônia francesa – daí o francês como idioma oficial – e depois passou por três décadas de instabilidade, incluindo golpes de estado e um período marxista).

Hoje, o presidente e os deputados são eleitos pelo povo, mas a tradição monárquica segue firme e forte nos países que outrora compuseram o Reino de Daomé – os obás, como são chamados os reis locais, têm direito natural ao posto e servem como mediadores de conflitos e guardiões das tradições. São também interlocutores junto ao poder público.

Em Ketu, há reis desde o século 13. Desde então, já passaram pelo trono local 51 monarcas e cinco dinastias. É daí, portanto, que vêm os palácios reais da cidade. Em minha visita, pude conhecer o rei Akanni Adedeunloye Aderomola e sua corte. Ele carrega o título de Alaketu (senhor de Ketu) e é, portanto, senhor de Araketu (o povo de Ketu) e seus descendentes.

Em minha trajetória profissional, já me encontrei com descendentes de D. Pedro II e príncipes europeus, mas foi a primeira vez que conversei com um rei, usando e abusando do vocativo Vossa Majestade. Não é difícil para grupos de visitantes brasileiros conseguir uma audiência real, desde que organizada previamente, já que o Alaketu reconhece a importância do Brasil para seu povo.

Em relação aos palácios, obviamente a arquitetura não é a mesma que esperáramos ver com base em referências europeias, afinal faz parte de outro contexto histórico, mas é igualmente interessante e respeitável.

Não se pode deixar de assistir a uma apresentação de dança Geledé, em que homens dançam para se retratar com os ancestrais femininos. Da mesma maneira, é possível ver as danças dos famosos zambetos, que, segundo as crenças locais, são entidades sobrenaturais que visitam os seres humanos. Há muitos vídeos no YouTube: indivíduos cobertos de palha dançando em roda para espantar o mal.



TEMPLO EM FORMA DE CAMALEÃO, SAGRADO PARA O Povo LOCAL, ESTÁ ENTRE OS ATRATIVOS DE ABOMEY



O COMPLEXO DE PALÁCIOS REAIS DE ABOMEY INCLUI 12 CONSTRUÇÕES

ABOMEY

O terceiro dia pode também ser dedicado a palácios reais. E a cidade de Abomey, igualmente a três horas de Cotonou, é referência nisso, já que, como antiga capital do Reino de Daomé, é o lugar do Benim com o maior número de construções do gênero: são 12 no total, distribuídas em 47 hectares. Tal fato tem uma explicação: cada monarca resolveu construir o seu próprio palácio junto àquele que era de seu antecessor.

Abomey é, aliás, o cenário onde se passa o filme de Viola Davis. O filme fala de uma militar no século 19. Na vida real, dois séculos antes, o reino foi, de fato, conduzido por uma mulher, que muitos julgavam ser um homem. Tassi Hangbé era irmã gêmea do rei Akaba, que morreu durante uma guerra.

Para não abalar a moral das tropas e tampouco dar vitória aos inimigos, a princesa assumiu a identidade do irmão e venceu a guerra. Logo em seguida, criou um exército constituído somente por mulheres celibatárias, as agoodjie, derrotadas pelas forças armadas francesas apenas em 1882.

As ruínas de seu palácio podem ser visitadas gratuitamente. A maior parte dos sítios históricos do Benim, aliás, têm entrada gratuita. Em Abomey, vale a pena conhecer também um templo construído em forma de camaleão, animal sagrado para tribos da região, ao lado de outro templo construído em forma de leopardo, animal real.

No palácio mais importante de Abomey, é possível ver um mercado de joias, tecidos, esculturas e móveis, de famílias tradicionais da região. Por muito tempo, certas manufaturas só eram autorizadas pelos reis para algumas famílias, prática que se vê ainda hoje. Vale comprar peças em bronze e tapeçarias locais. Os preços são bem acessíveis.

Por fim, deve-se visitar a chamada “farmácia vodoun”, uma grande feira livre a céu aberto com todos os apetrechos e ervas usadas por curandeiros locais. Todos os tipos de sementes, inclusive de árvores como o baobá, podem lá ser encontrados. A religião vodu, a propósito, nasceu no Reino de Daomé – falarei mais dela ao longo desta reportagem.



Fotos: Bénin Tourisme e Shutterstock

PORTO NOVO

Se Cotonou é a capital do poder executivo, Porto Novo é a capital legislativa do Benim. É também a cidade mais muçulmana do país, dada sua proximidade com a Nigéria. Interessante saber que, no Benim, cerca de 80% da população é cristã (católica e evangélica) e 20% é muçulmana, embora a maioria mantenha práticas espirituais ancestrais no dia a dia. A maior concentração de mesquitas do país, portanto, está em Porto Novo. A mais importante delas é inspirada na arquitetura das igrejas barrocas de Salvador, na Bahia.

E aí entra mais um elo da relação entre Brasil e Benim: no século 19, brasi-leiros brancos envolvidos com o comércio escravagista e negros retornados (os chamados agudás) se estabeleceram no país africano, trazendo uma série de hábitos, valores e até a estética da Bahia para o então Reino de Daomé. Mas, antes disso, desde o século 16, os portugueses já marcavam presença no território e chegaram até mesmo a construir um entreposto fortificado em Porto Novo, cujo nome foi dado justamente pelos lusitanos.

Por isso, ainda hoje, há ruas e bairros com nomes em português na cidade.



A MESQUITA DE PORTO NOVO (ACIMA, À ESQ.) É INSPIRADA NAS IGREJAS BAIANAS. O RIO NEGRO (ACIMA, À DIR.) RESERVA BELAS PAISAGENS

A mesquita, cuja arquitetura é semelhante àquelas das igrejas de Salvador, é um ponto turístico e uma referência a essa troca cultural.

Uma vez em Porto Novo, é preciso conhecer igualmente o Rio Negro. Trata-se de um rio sagrado para a população local. Não se pode atravessar, tampouco recolher espécies da flora. As paisagens são lindas; as águas, calmas e limpas. A cor escura que reflete o céu e a floresta ao redor se dá por conta de materiais orgânicos no fundo do rio. O trajeto nos conduz a uma aldeia, onde se prepara uma bebida típica da região, a sodabi, aguardente à base de vinho de palma, e também é feito artesanato com as folhas dos dendzeiros.

Vale visitar ainda os fabricantes de tambores e demais instrumentos de percussão. Da mesma maneira que se viu em Abomey, apenas famílias autorizadas podem produzir certos instrumentos. No caso de Porto Novo, as famílias Kouakanou e Tonouyea são detentoras desse direito. Lá se pode ver a fabricação de tamborins, tambores e tambores, além de ter aulas básicas de percussão e presenciar os membros das famílias cantando e dançando.

UIDAH

Passei os cinco dias anteriores hospedado em Cotonou, fazendo visitas bate-volta às outras cidades. Depois, decidi conhecer outro hotel, desta vez em Ouidah, considerada uma cidade importante para o turismo de memória e também a capital religiosa do país, a 40 quilômetros de Cotonou.

Hospedei-me em um resort, o Casa do Papa, empreendimento quatro estrelas, pé na areia, com um serviço impecável. Se o turista assim desejar, pode se integrar com os pescadores locais e participar da retirada de redes com os peixes. Eu fui chamado pelo chefe dos pescadores e vivi uma experiência divertida.

Ouidah é uma cidade muito visitada por negros estadunidenses e também por negros franceses. Isso porque é de lá que partia grande parte dos navios com africanos escravizados rumo à América do Norte e às colônias europeias.

A rota da escravidão, que pode ser visitada com guias, tem cinco etapas: a primeira delas é a praça central da cidade, onde os leilões eram feitos e onde os indivíduos escravizados recebiam as marcas feitas na pele com ferro incandescente.

Em seguida, segue-se pela estrada de sal. A região, junto ao Atlântico, é uma grande produtora de sal de

A PORTA DO NÃO RETORNO É UMA HOMENAGEM AOS ESCRAVIZADOS QUE NUNCA MAIS VOLTARAM À SUA TERRA NATAL



Fotos: Shutterstock

cozinha. A segunda etapa é um espaço onde os escravizados passavam dias trancafiados, sem acesso a janelas, para perderem a noção de tempo. A terceira fase é um monumento aos mortos, construído sobre uma fossa onde eram jogados os indivíduos doentes, feridos e rebeldes, para morrerem.

O passo seguinte é uma árvore, que existe há muitos séculos, em torno da qual os escravizados davam voltas ritualizadas para garantir o retorno à África, um dia após a morte. E, por fim, a última etapa é a famosa Porta do Não Retorno, que pode ser familiar para alguns brasileiros, pois foi tema de reportagem de um programa do apresentador Luciano Huck e base de um documentário nos anos 1990 com Gilberto Gil.

Trata-se de um monumento construído em 1992 para sinalizar o porto de onde saíam os navios rumo aos EUA, Cuba, Haiti e Brasil. Do lado leste do monumento, nota-se um relevo representando várias pessoas de costas, indo em direção a uma caravela. De cada lado do pórtico há esculturas de ferro que simbolizam homens, mulheres e crianças acorrentados. Do lado oeste, veem-se uma árvore e o rosto dos indivíduos escravizados, em fila indiana. Nesse mesmo lado, há imagens de almas retornando para a África.

A REPRESENTAÇÃO DOS ZAMBETOS FAZ PARTE DO FESTIVAL DE VODOUN



Fotos: Shutterstock

ARTEFATOS DE MADEIRA EM EXPOSIÇÃO NO FESTIVAL DE VODOUN



Como no caso de Auschwitz, é uma experiência importante para se refletir sobre história e direitos humanos. Os guias não assumem, em momento algum, a posição de vitimismo ou de revolta. Enquanto intelectuais, procuram reconstruir, sem sentimentalismo, a história e promover reflexões sobre a descolonização dos saberes,



MULHERES EM TRAJES TÍPICOS PARTICIPAM DO FESTIVAL DE VODOUN

da política e da economia. Tal passeio dura em torno de duas horas e permite conhecer também o lado religioso do país.

Embora fortemente católico e com presença crescente de igrejas evangélicas, o Benim procura se colocar como um país que respeita todas as crenças e preserva suas tradições africanas. O que lá é chamado de *vodoun* não tem nada a ver com o vodu presente nos filmes de Hollywood, na literatura e no imaginário da cultura popular. Essa parte de “feitiçaria” é chamada pelos benineses de fetichismo e é vista com ressalvas.

O verdadeiro *vodoun*, religião nascida no Reino de Daomé, é, antes de tudo, a filosofia de respeitar as forças da natureza e celebrar os antepassados. É essa mesma crença, aliás, que deu origem ao candomblé no Brasil. Assim, é comum ver benineses saindo das missas, dos cultos evangélicos e das mesquitas direto para rituais ancestrais. Todo mês de janeiro, por exemplo, o governo



SACERDOTE DO VOUDON EXIBE COBRA NO TEMPLO DAS PÍTONS



Fotos: Shutterstock

ENTIDADES DO VOUDON APARECEM REPRESENTADAS NA FLORESTA SAGRADA

organiza o Festival do Vodoun, e em breve um museu nacional será inaugurado sobre o tema.

Em Ouidah, é possível visitar o maior templo de *vodoun* do Benim, que é a Floresta Sagrada. Apenas uma parte do parque pode ser visitada; a outra, apenas a família real pode frequentar. O que se vê lá são muitas plantas e representações de figuras ancestrais e da natureza. Nada que seja muito diferente dos parques municipais do Brasil.

Outro dos principais pontos turísticos locais é o Templo das Pítons. Essas cobras são consideradas sagradas no *voudon*, portanto ninguém pode matá-las. A visita consiste em, após passar umas folhas pelo corpo, adentrar o ambiente onde elas vivem – ou seja, há pítons em todos os cantos. Houve turistas que não quiseram entrar na ala mais sagrada. Eu não tive problemas em deixar que elas se enrolassem nas minhas pernas e pude até segurá-las. O templo foi visitado pelos papas João Paulo II e Bento XVI, porque se encontra em frente à maior basílica do oeste africano, dedicada à Nossa Senhora. Parada obrigatória.

O que se entende como religiosidade de matriz africana no Brasil, em Cuba, no Haiti e no sul dos EUA é distante do que se vê no Benim, mas as raízes e a essência estão lá. Logicamente trata-se das adaptações históricas e geográficas. Foi uma viagem que me exigiu muita reflexão. Passei ao menos duas semanas escrevendo, refletindo, deixando ecoar as impressões. De toda maneira, a partir dessa viagem, pude compreender melhor o sincretismo em nosso país.

Mais do que isso, foi possível entender a formação de nossa cultura. O Benim é uma explosão de cores, de aromas, de sons, ritmos e movimentos corporais. Muito do “deixa disso”, do borogodó, do sorriso fácil e do acolhimento caloroso dos brasileiros certamente veio de lá. Assim, o Benim me deu um novo sentido para a ideia de conhecer o mundo, redescobrindo as raízes da minha, da sua, da nossa história.